

## **Igarapé das Almas: uma cartografia da Avenida Visconde de Sousa Franco, Belém / PA**

**Larissa de La-Rocque Corrêa Teles<sup>a</sup> ✉, Rogério Camara<sup>b</sup>**

<sup>a,b</sup> Programa de Pós-Graduação em Design . Instituto de Artes . Universidade de Brasília .  
Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte, Módulo 18, 70910-900

<sup>a</sup>larocque.larissa@gmail.com; <sup>b</sup>rogeriojcamara@gmail.com

**Apresenta-se neste artigo as intervenções realizadas na Avenida Visconde de Sousa Franco em Belém do Pará em detrimento da configuração original do igarapé das Almas situado no local, que resta hoje como um canal. O local é analisado a partir dos usos atribuídos a ele e seus significados, trata-se de uma reflexão a respeito do processo de urbanização, pela introdução da técnica de canalização no igarapé. Procura-se compreender os propósitos pelos quais o espaço é transformado para receber uma infraestrutura urbana. Para a contextualização do espaço foi necessário realizar levantamentos documentais e entrevistas com agentes pontuais para entender os processos desta transformação. Foram realizados ainda registros fotográficos e questionários aplicados aos frequentadores locais para análise dos elementos que compõem a Avenida. Deste estudo conclui-se que as mudanças foram estruturadas sob ações estratégicas, provenientes do poder público e instituições, conforme interesses que não consideravam as origens naturais do local e que geraram problemas sociais e ambientais.**

Palavras-chave: Belém; Espaço urbano; Técnica; Igarapé.

### ***Igarapé das Almas: a cartography of Avenida Visconde de Sousa Franco, Belém / PA***

*This article presents the interventions carried out on Avenida Visconde de Sousa Franco in Belém do Pará, to the detriment of the original configuration of the Almas stream, which remains today as a canal. The place is analyzed from the uses attributed to it and its meanings, it is a reflection about the process of urbanization, by the introduction of the channeling technique in the stream. We seek to understand the purposes for which space is transformed to receive urban infrastructure. For the contextualization of the space it was necessary to conduct documentary surveys and interviews with punctual agents to understand the processes of this transformation. Photographic records and questionnaires were also applied to local visitors to analyze the elements that make up the Avenue. We concluded that the changes were structured under strategic actions, coming from the government and institutions, according to interests that did not consider the natural origins of the place and which generated social and environmental problems.*

*Keywords: Belém; Urban space; Technique; Igarapé.*

## 1. Introdução

Como uma cidade é formada, o que motiva as transformações urbanas e as suas estratégias de consolidação, são questões levantadas ao observar o espaço urbano e seus entraves, o que foi possível abordar, por meio de uma cartografia, da Avenida Visconde de Sousa Franco em Belém – PA, objeto deste artigo.

A cidade de Belém, capital do estado do Pará, ao longo do seu processo de urbanização, vem alterando os cursos naturais de seus rios e afluentes, pelos quais é entrecortada, para dar lugar à infraestrutura urbana, o que levou à construção de diversos canais de concreto em seu espaço urbano.

Considerando essa perspectiva, procurou-se compreender o espaço atual da Avenida Visconde de Sousa Franco, localizada entre os bairros do Reduto e do Umarizal, na capital paraense, chamada pelos moradores da cidade de “Doca”<sup>1</sup>. Tomou-se a avenida como objeto de pesquisa por ter sofrido grande intervenção o qual, hoje, é ocupado por infraestrutura urbana e de saneamento, com canal de concreto, iluminação pública, rodovias, calçadas, canteiros e prédios comerciais e residenciais. Encontra-se, nesse espaço, o que Ferrara (2009) define como uma “tessitura de usos”, que desenha uma linguagem inusitada e de alta taxa informacional.

**Figura 1. Avenida Visconde de Sousa Franco, 2019. Fonte: Registro de Anna Carolina Pontes (2019)**



<sup>1</sup> Até hoje, é assim conhecida pelos moradores da cidade devido ao funcionamento de docas, por muito tempo, à margem do Igarapé das Almas.

O canal da Avenida Visconde de Sousa Franco era originalmente um igarapé<sup>2</sup>, denominado “Igarapé das Armas” ou “Igarapé das Almas”. O primeiro nome refere-se ao fato histórico do local ter sido usado pelos cabanos para esconderam suas armas após a revolução da Cabanagem<sup>3</sup>; o segundo, devido à existência de relatos de pessoas que “viam” as almas dos combatentes da revolução vagando na região (MONTEIRO, 2007). Ambos os nomes são usados ainda hoje, no entanto, recorreremos neste artigo à segunda denominação.

O Igarapé das Almas é um braço do rio que faz parte da bacia hidrográfica do Reduto. Devido a isso, na pesquisa, tratou-se por vezes do rio como um todo, para apreender o conjunto que envolve seus igarapés e afluentes e entender o processo de urbanização da cidade. Para explicar a transformação do Igarapé das Almas, fala-se de “rio” como algo maior e complexo, já do igarapé como a sua representação. No entanto, atualmente, o Igarapé das Almas é reconhecido apenas como um canal, de forma artificial, distante de suas origens naturais e em condições precárias de limpeza.

O estudo parte de 1963, quando o Departamento Nacional de Obras de Saneamento — DNOS iniciou o projeto de canalização. Contudo, foram coletados alguns dados de anos anteriores a fim de contribuir com o entendimento do cenário a partir da década de 1960. A referência temporal desta investigação toma como início o momento de intervenção do igarapé por meio da técnica de canalização. A introdução de novas técnicas é tratada por Santos (2006) como reveladora da história e da compreensão do espaço. Segundo Ferrara:

As variáveis contextuais urbanas dão origem a percepção ambiental urbana, processadas como informação responsável de um modo de viver. Ora, essa percepção é passível de ser decodificada imediatamente, mas ela se faz representar, é substituída por aquela imagem urbana que é, então, seu signo. (FERRARA, 1999, p. 72)

Dessa forma, buscou-se compreender o contexto atual da Avenida Visconde de Sousa Franco por meio dos usos atribuídos aos seus espaços, a partir do processo de urbanização, em detrimento da transformação do igarapé. Foi realizada uma cartografia da Avenida Visconde de Sousa Franco por meio das memórias existentes sobre o Igarapé das Almas e suas contribuições na produção do espaço atual.

---

<sup>2</sup> Curso d'água, de água doce, constituído por um braço longo do rio.

<sup>3</sup> Revolta social popular ocorrida durante o Império do Brasil, na antiga Província do Grão-Pará, que abrangia os atuais estados do Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia. A revolta se estendeu de 1835 a 1840.

## 2. Métodos de Trabalho

A primeira etapa da pesquisa consistiu na contextualização histórica. Ferrara (1993) define a contextualização como atividade estrutural e exigência metodológica, diferentemente do contexto, que é uma estrutura pouco explícita. A fim de recuperar dados de antes da canalização até a configuração do espaço atual relativos ao Igarapé das Almas, realizou-se pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de compreender a formação desse espaço. Foram consultadas fontes bibliográficas e acervos documentais e iconográficos da Secretaria Municipal de Saneamento de Belém – Sesan, das quais verificou-se as principais transformações do local estudado.

**Figura 2. Foto colorizada do Igarapé das Almas. Fonte: Site da FAU – UFPA.**



Iniciou-se o processo cartográfico em entrevista realizada com o chefe da Assessoria Técnica da Sesan, Antônio Carlos Ferreira, que auxiliou na compreensão de algumas especificidades das transformações do canal. Levantou-se, também, dois relatos gravados e escritos, guiados por questionários, que serviram de roteiro de entrevista: o primeiro, com o então governador do estado do Pará no ano de 1960, Aurélio do Carmo; o segundo, com Edilton Figueiredo, antigo morador do bairro de Fátima, vizinho ao bairro do Umarizal — onde está parte da Avenida Visconde de Sousa Franco — que utilizava embarcações para se deslocar até próximo ao Igarapé das Almas, em viagens do município de Cameté até Belém.

Para identificar os principais elementos que compõem a Avenida Visconde de Sousa Franco e descrever seus usos, fez-se necessário realizar registros

fotográficos do local, nos horários de maior circulação de pessoas, em dias de semana intercalados.

A fotografia retrata uma história ao revelar aspectos de lugares que se procura compreender. Buscou-se registrar os elementos que compõem o local pesquisado para compreender sua dimensão material atual.

Com o intuito de identificar os elementos da Avenida Visconde de Sousa Franco, para se compreender os usos atribuídos a eles, realizou-se registros fotográficos de pontos que abrangessem as quadras, obtendo visualização ampla dos elementos existentes e de pontos do centro do canal, a fim de verificar a circulação das pessoas no seu entorno.

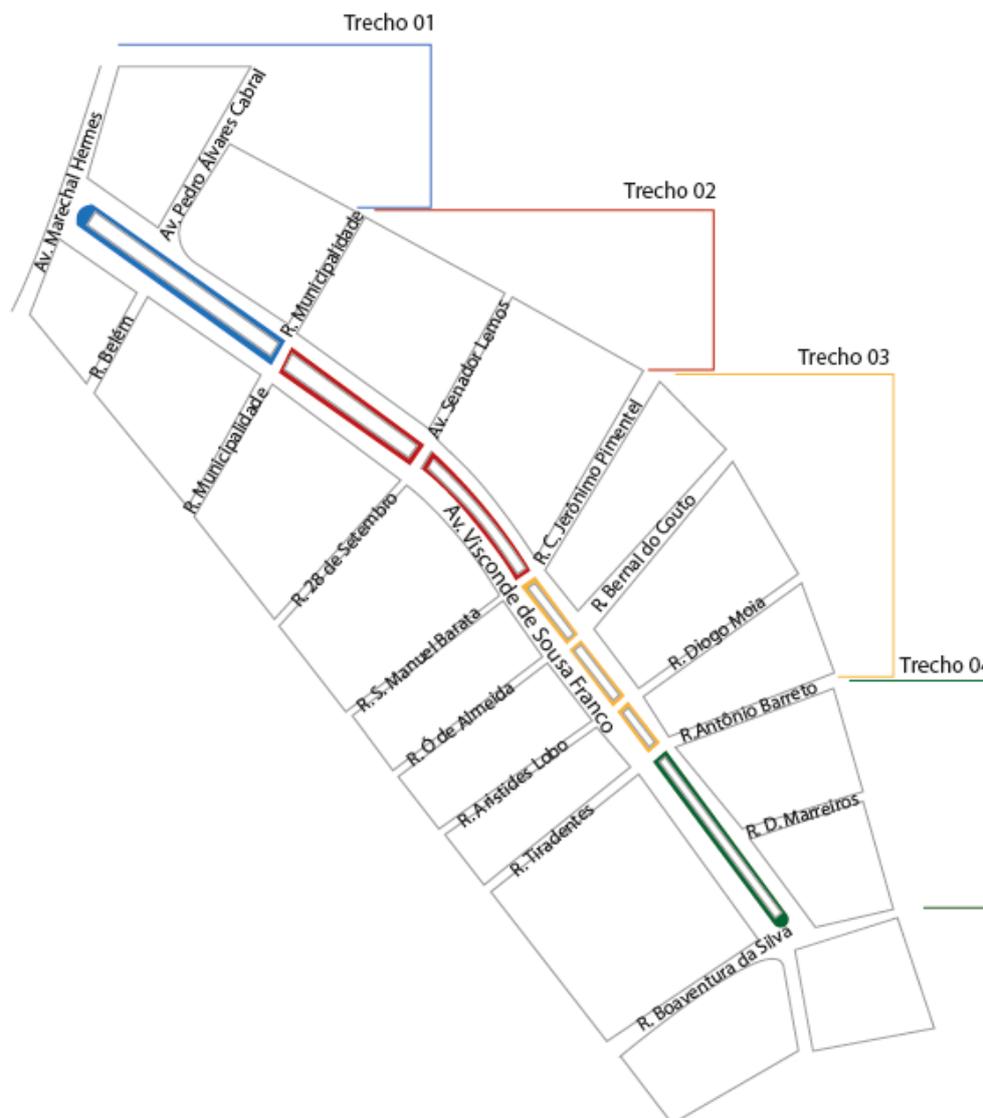
Considerou-se o fluxo de entrada em residências e em locais de trabalho (comércios, empreendimentos e instituições públicas). A concentração de pessoas nos pontos de ônibus era maior, concomitantemente à circulação delas no entorno do canal para atividades como caminhadas, corridas, ciclismo e passeios com animais de estimação. Observou-se o grande o fluxo de pessoas que se direcionavam às compras, aos supermercados, às lanchonetes e aos restaurantes existentes ali, após o trabalho.

Conforme Ferrara (2009), o uso é o signo de si mesmo, pois determinado local só encontra seu espaço contextual no momento em que é flagrado um conjunto de usos que lhe atribui significado, e o significado nos revela os usos praticados nesse espaço. Dessa forma, a classificação feita a partir da morfologia do uso dirige-se da percepção do contexto como lugar para a apreensão do espaço, no qual o ambiente aberto, pela sua caracterização de usos no contexto, leva a uma percepção do ambiente enquanto espaço.

Nesta mesma etapa, foram aplicados questionários abertos e sucintos aos frequentadores da Avenida Visconde de Sousa Franco: os indivíduos deveriam reconhecer uma fotografia do Igarapé das Almas, registrada em 1935 por Robert Swanton Platt para, assim, saber se havia conhecimento da memória e da configuração anterior do igarapé, bem como apontar o motivo de estarem circulando no entorno do canal, a fim de contribuir para o levantamento e a identificação dos usos atuais do espaço.

No levantamento, foram aplicados dez questionários, distribuídos em quadras separadas em trechos, conforme apontado no esquema da figura 3. O recurso foi usado para facilitar a distribuição e aplicação dos questionários no local, conforme a observação do fluxo e a frequência das pessoas no momento da pesquisa.

Figura 3. Distribuição dos questionários por trecho. Fonte: Criação dos autores.



Nos trechos 1 e 2, foram aplicados apenas dois questionários, devido ao fluxo menor de passantes naquela área do entorno do canal. Já nos trechos 3 e 4, foram aplicados três questionários, por neles se apresentar um maior fluxo de pessoas.

As informações e os dados obtidos no processo cartográfico foram analisados pelo método de triangulação de dados. Flick (2009) define a triangulação como a combinação de metodologias diferentes para analisar o mesmo fenômeno, de modo a consolidar a construção de teorias sociais.

Para adotar um pensamento reflexivo conceitual e prático do objeto de estudo da pesquisa sob diferentes perspectivas, este método de análise possibilita complementar, com riqueza de interpretações, a temática pesquisada, ao mesmo tempo que se aumenta a consistência das conclusões.

Neste estudo, o processo de triangulação consistiu na articulação dos dados, o que corresponde ao levantamento fotográfico e aos questionários aplicados, juntamente com o referencial teórico e a análise da conjuntura.

### 3. Resultados

As entrevistas realizadas com Antônio Carlos Ferreira, atual chefe da Assessoria Técnica da Sesan, e com Aurélio do Carmo, então governador do Pará no período da concepção do projeto das obras de canalização do Igarapé das Almas, apontaram que, entre intervenções e remanejamento da população, foram dez anos de obras, visto que a elaboração do projeto de canalização, conforme a data constante na planta do DNOS e o qual se encontra arquivado na Sesan, se iniciou em 1963. As obras foram concluídas durante a gestão do prefeito Nélio Lobato, que geriu a cidade no período de 1970 a 1973 e inaugurou a Avenida Visconde de Sousa Franco.

Também entre as décadas de 1960 e 1970 houve grande investimento em rodovias no Brasil, processo iniciado sob incentivo e influência do governo de Juscelino Kubitschek, presidente do país no período de 1956 a 1961, que construiu a capital federal, Brasília, e, à época, promoveu a instalação de grandes fabricantes de automóveis em território nacional. A forma de atrair os investidores consistia em apoiar a construção de rodovias. Nesse período a Rodovia Belém-Brasília foi aberta, o que facilitou a chegada de novos produtos, conforme afirma Penteado (1968), enfraquecendo o comércio local.

A rede de drenagem é cediada devido à região metropolitana de Belém contar com apenas 12% de coleta de esgoto e 4% de tratamento deste. Tal questão não diz respeito à Sesan, apesar de ser a secretaria de saneamento da capital paraense, pois sua responsabilidade abrange apenas o lixo e a drenagem da cidade; esse encargo cabe à Cosanpa, administrada pelo governo do Estado, que tem sob sua responsabilidade o abastecimento de água e o tratamento de esgoto.

Devido à falta de fiscalização por parte dos órgãos responsáveis pelo tratamento do esgoto, não há como evitar o lançamento de dejetos *in natura* nos canais da cidade. O odor do ambiente e a sujeira nas águas praticamente autorizam a população a associar o espaço a um local propício para o lançamento de lixo.

Antes da década de 1960, quando se iniciou a realização do projeto de canalização no Igarapé das Almas, a população que habitava às margens deste vivia em casas de palafitas, das quais os fundos ficavam voltados para o igarapé, lançando os dejetos nas águas pluviais, segundo o morador entrevistado Edilton Figueiredo. Nesse período, conforme indica Trindade (1997), o comércio no entorno do local já estava enfraquecido, pois já existia integração da região a outros estados por meio da Rodovia Belém-Brasília.

Ao começarem as obras de saneamento, as quais deram origem ao canal da Avenida Visconde de Sousa Franco, as palafitas foram desapropriadas e alguns residentes migraram para o antigo bairro da Matinha, atual bairro de Fátima. Figueiredo afirma que, naquele período, não havia saneamento básico. A infraestrutura desenvolvida não tinha como objetivo atender a população local, pois esta foi remanejada sob alegação de que a favela causava problemas de higiene e saúde devido às condições de saneamento. Com as obras concluídas, não foram oferecidas condições para que os antigos moradores retornassem.

O estudo realizado por Trindade (1997) mostra que os moradores das favelas, que residiam no entorno do Igarapé das Almas, foram remanejados para um conjunto residencial da Cohab, no bairro da Marambaia, afastado do centro da cidade. Com a valorização da área, o mercado imobiliário chegou aos novos bairros do Reduto e do Umarizal: as residências construídas na região ficaram restritas à classe média alta, que detinha o poder aquisitivo para adquiri-las e mantê-las.

A análise das entrevistas e dos levantamentos bibliográficos permitiu compreender a condução das obras do Igarapé das Almas, as mudanças estruturais e os impactos sociais provocados no bairro, bem como a forma de manutenção do espaço e as perspectivas futuras quanto às ações estratégicas.

Os elementos que compõem a Avenida Visconde de Sousa Franco, registrados em fotografias, foram analisadas e categorizadas sob os critérios de interpretação do espaço urbano estabelecido por Lynch (1960), que define cinco elementos que compõem a cidade: limites, bairros, pontos nodais, marcos e caminhos.

Os limites são elementos lineares entre duas regiões distintas, que provoca uma quebra na continuidade do espaço; os bairros são identificados por grandes áreas da cidade que formam uma identidade comum; os pontos nodais são os espaços de convergência, comumente representados por cruzamentos, esquinas e praças; os marcos são objetos de singularidade, como torres, esculturas e domos; por fim, os caminhos são os locais onde acontecem os deslocamentos, a exemplo de ruas, avenidas e calçadas.

Verifica-se que a Avenida Visconde de Sousa Franco representa um limite, visto que divide outros dois elementos, os bairros do Reduto e do Umarizal. O canal existente no centro da avenida reforça esse limite; no entanto, ele funciona como caminho, apesar de não ser navegável, devido à circulação de pessoas no entorno, uma vez que possui calçadas que orientam o usuário para o trajeto a ser realizado. Os pontos nodais são os cruzamentos existentes, e há uma peculiaridade nesse caso: eles cruzam com a área do canal, criando rupturas no elemento de limite.

Figura 4. Identificação dos Elementos da Avenida Visconde de Sousa Franco. Fonte: Criação dos Autores.



Elemento singular, o canal é o marco referenciado no imaginário da população que chama a Avenida Visconde de Sousa Franco de “Doca”, nome comumente praticado pelos habitantes da cidade, que relegam ao esquecimento o nome oficial da avenida. O canal não é navegável, não possibilita o trânsito sobre ele como permitia quando ainda era o Igarapé das Almas; contudo, sua presença ganha escala de fluxo em razão das largas calçadas e pistas automotivas às suas margens.

As formas geométricas do guarda-corpo são uma representação dos grafismos encontrados nas cerâmicas marajoaras, características da cultura regional. Entretanto, a população que frequenta o local normalmente não faz essa associação.

Integram o guarda-corpo alguns bancos de concreto, dispostos ao longo do canal, o que assinala a tentativa de fazer do local um ponto de convivência e lazer. Todavia, sua condição atual de depredação, sujeira e odor proveniente dos dejetos lançados nas águas torna o local insalubre, não oferecendo, dessa forma, conforto ao usuário.

**Figura 5. Canal da Avenida. Fonte: Registro dos Autores.**



**Figura 6. Guarda-corpo do canal. Fonte: Registro dos Autores.**



Os pontos nodais da Avenida Visconde de Sousa Franco são os cruzamentos das vias: algumas delas vão do bairro do Reduto ao do Umarizal, e outras terminam na própria avenida. Grande parte desses pontos estão compostos por lojas de grandes fachadas.

**Figura 7. Vista de um ponto nodal. Fonte: Registro dos Autores.**



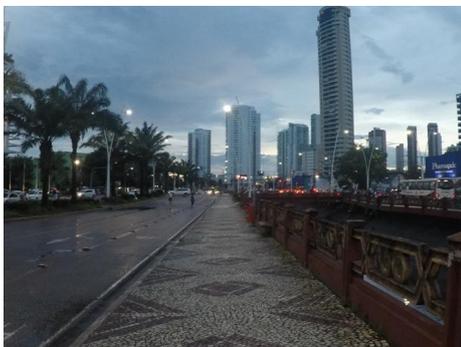
Ainda, calçadas revestidas por pedras portuguesas com desenhos de formas geométricas ladeiam o canal. A obra conta com o meio-fio, que recebe as águas pluviais, enquanto as pessoas se deslocam pelas calçadas lineares e planas. Percebe-se que muitos habitantes preferem o uso das calçadas que margeiam o canal, evitando as calçadas do outro lado da avenida, as quais margeiam o comércio e os prédios, pois são ocupadas por diversos elementos como bancas de revista, pontos de táxi, carrinhos de lanches, vendedores ambulantes e um fluxo intenso de entrada e saída de veículos dos diversos locais, dificultando, dessa forma, a circulação dos pedestres.

No final do dia, é comum a prática de atividades físicas em toda a extensão da Avenida Visconde de Sousa Franco. O fluxo de pessoas transitando no local é intenso, devido à incidência solar ser menor e às pessoas já terem terminado seus expedientes de trabalho.

A Avenida Visconde de Sousa Franco divide outros dois elementos da cidade: os bairros do Reduto e do Umarizal. O primeiro desses bairros que sofreu o processo de urbanização foi do Reduto, do qual grande parte da área e dos igarapés foram aterrados. Na Rua General Magalhães, houve um aterro, transformado em praça, reaberto depois para, então, fazer a ligação com o canal do Igarapé das Almas para os fins de comportar o volume de água, no processo de canalização. Já o bairro do

Umarizal, mais recente, se desenvolveu após o aterramento do Igarapé das Almas, com grande influência do mercado imobiliário. Hoje, é um bairro nobre, apresentando o metro quadrado mais caro da cidade.

**Figura 8. Calçada do canal.**  
**Fonte: Registro dos Autores.**



**Figura 9. Caminho no entorno do canal.**  
**Fonte: Registro dos Autores.**



**Figura 10. Avenida Visconde de Sousa Franco com o Reduto à esquerda e o Umarizal à direita.** Fonte: Registro dos Autores.



A Avenida Visconde de Sousa Franco, objeto desta pesquisa, representa um limite com uma via de largura de aproximadamente 60 metros e extensão de 1.500 metros. É asfaltada, sinalizada, com ciclovias e canteiros gramados e arborizados com palmeiras, além de possuir calçadas retificadas. As pinturas do asfalto se encontram desgastadas; em algumas esquinas, quase já não se visualizam mais. Nos cruzamentos, observa-se faixas de pedestres na mesma condição de desgaste e semáforos para carros e pedestres.

A integração entre um lado e outro da avenida é possível pelas pistas que a cruzam; onde a quadra é maior, isso acontece por meio de pontes sobre o canal. Observa-se uma dessas pontes na frente do *shopping* Boulevard; no entanto, ali não há faixa de pedestre, o que faz com que as pessoas criem seu próprio trajeto,

passando de um lado para o outro por cima de um canteiro e, portanto, fora da segurança de uma faixa de pedestre.

**Figura 11. Vista da Avenida Visconde de Sousa Franco. Fonte: Registro dos Autores.**



Os registros fotográficos auxiliaram a análise dos elementos que compõem a Avenida e a verificação dos usos da infraestrutura local. Definiu-se três atividades para análise dos usos: lazer, comércio e habitação. Tais atividades são as mais recorrentes, o que se verifica tanto no levantamento bibliográfico, que apresenta a contextualização histórica, quanto na observação direta realizada no local.

**Figura 12 .Shopping Boulevard.**  
**Fonte: Registro dos Autores.**



**Figura 13. Fachada do edifício Times Square.**  
**Fonte: Registro dos Autores.**



Figura 14. Fachadas, trecho 03. Fonte: Registros e criação dos Autores.



Os questionários, acompanhados de uma foto antiga do local (Figura 2), objetivavam saber se as pessoas que caminham no entorno do canal da Avenida Visconde de Sousa Franco o reconheciam como o antigo Igarapé das Almas. Questionou-se ainda as atividades dos transeuntes no local, o ano de nascimento e se eram moradores do bairro do Reduto ou do Umarizal.

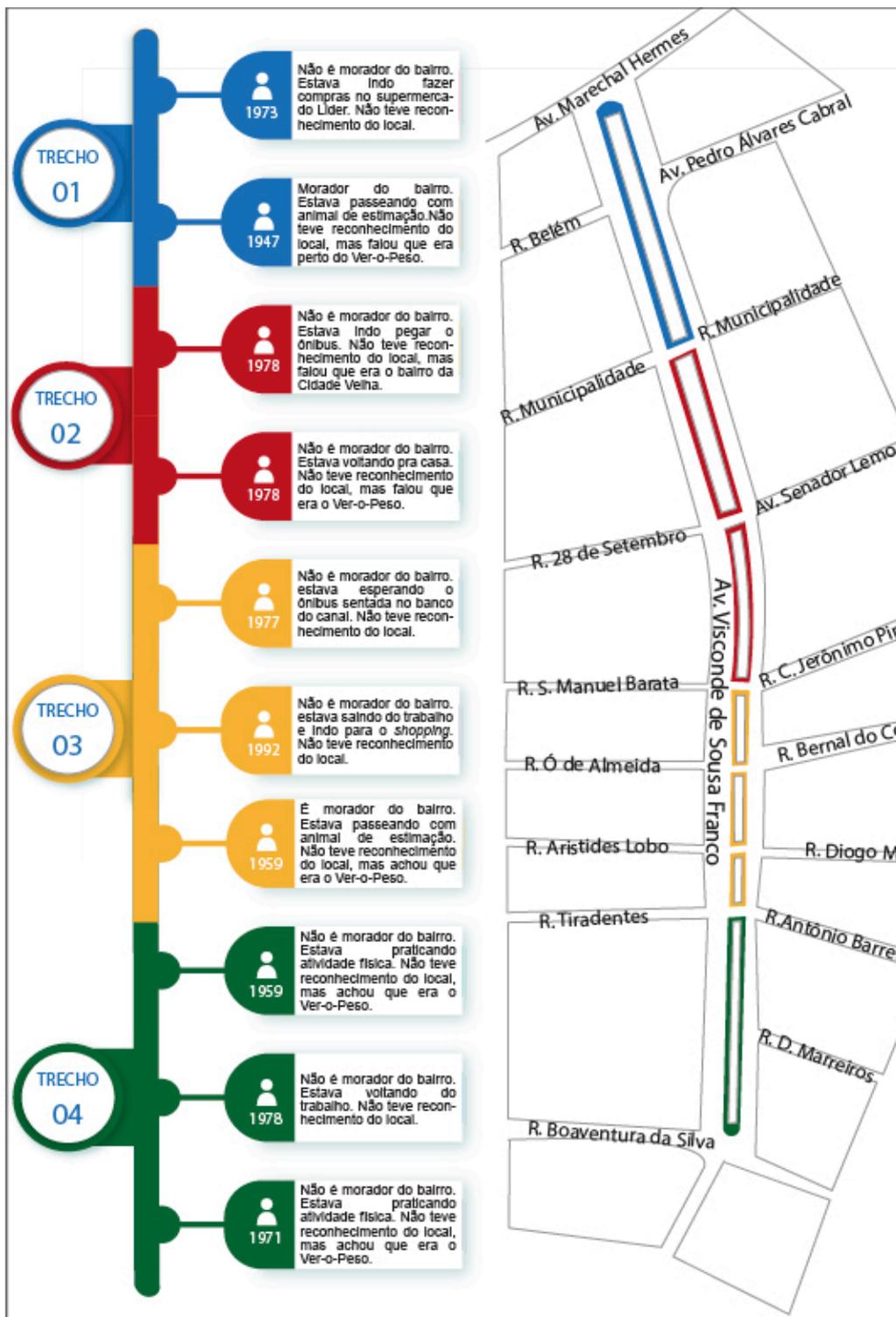
Apresenta-se o resultado dos questionários aplicados a seguir:

Constatou-se que muitas das pessoas que circulam o canal são oriundas de outros bairros e se deslocam para a Avenida Visconde de Sousa Franco por motivos de trabalho, compras e atividades físicas, considerando que, entre as pessoas entrevistadas, seis delas estavam apenas de passagem e duas estavam praticando atividades físicas. Nenhuma delas moram no bairro do Reduto ou do Umarizal, mas a circulação no local era parte de sua rotina. As duas pessoas moradoras do bairro se encontravam no local a passeio, com o seu animal de estimação.

Entre os dez entrevistados, nenhum reconheceu o local da foto, mesmo os que nasceram em período anterior às obras. Conclui-se que o Igarapé das Almas já não é uma referência para as pessoas, nem como elemento de memória. Os sujeitos ali circulam sem referência passada; nem mesmo reconhecem o nome "Igarapé das Almas".

Figura 15. Respostas tabuladas dos questionários com trechos e ano de nascimento.

Fonte: Criação dos Autores



#### 4. Discussões e conclusões

É possível compreender que a atual Avenida Visconde de Sousa Franco é o produto de diversas mediações ocorridas em seu espaço ao longo do tempo. Este tempo possui uma dissensão provocada pela técnica, que se protagonizou nesse meio pela transformação causada no Igarapé das Almas.

As mediações apresentam-se como camadas, pois elas trazem partes de um todo, no qual estão sobrepostas formando um conjunto que é uma redução da realidade da cidade de Belém. Observou-se, então, que esse conjunto complexo é formado pelas pessoas, pelo comércio, pelas habitações, pelo poder público, pelo capital privado e pela natureza.

Refere-se as pessoas aquelas que habitam, trabalham e circulam nesse meio para diversas práticas de lazer e serviços. Elas são agentes importantes nesse contexto uma vez que o processo de formação da atual Avenida sempre esteve tratando delas, em diferentes momentos, seja para desapropriar umas e acomodar outras. Assim como as pessoas, o igarapé das almas também passou a acomodar uma nova forma, que por vezes parece acomodá-lo: o canal.

O comércio, realizado pelas pessoas, seguiu o comportamento e as práticas daquelas que estavam presentes nesse espaço em cada momento. Antes da canalização, a forma do igarapé era utilizada como doca, onde ocorria a rotina das pessoas que comercializavam os produtos da região. No entanto, esse comércio também foi alterado pelas novas formas que se estabeleceram posteriormente à canalização. Onde havia canoas, passou então a circular automóveis.

Diante da infraestrutura ofertada, novas habitações passaram a existir nesse espaço, mediante as obras proporcionadas pelo poder público que deram vez ao capital privado por meio do mercado imobiliário. Já as habitações de palafitas foram removidas, e o espaço atual foi remodelado para receber os novos prédios.

A natureza do espaço tratado já havia sofrido alterações com as primeiras intervenções do ser humano em seu meio, para estabelecer as primeiras habitações, o comércio pela estrutura de docas e alguns prédios comerciais que já existiam ali antes da canalização.

O que se pode perceber, é que houve uma sucessão de técnicas que foram desencadeando a transformação desse meio. No entanto, depara-se com um evidente distanciamento do espaço às suas origens naturais quando se observa a detenção do poder de técnica. Seria então este o método unitário que Santos (2006) se refere como aquele para não nos deixarmos ofuscar, e sim para sermos guiados pelo fenômeno técnico visto filosoficamente?

Essas mediações do espaço tratado, desde o igarapé das Almas até a formação atual da Avenida Visconde de Sousa Franco, apresentam os usos praticados no espaço, que por sua vez nos mostra os significados do contexto urbano atual, proveniente das diversas formas moldadas no decorrer do tempo.

A paisagem que existe hoje na avenida é formada pelos diversos elementos identificados nesta pesquisa, que revelam seus usos e significados, os quais direcionam para um contexto ideológico. Nesse sistema de valores, identificou-se que o comércio, o lucro, a rotatividade das pessoas por meio da prestação de serviço e a especulação imobiliária se manifestam por meio da comunicação visual existente nos elementos e artefatos analisados. Também, ocorreram tentativas de fazer com que a cultura regional fosse retratada mediante determinados artefatos; no entanto, aqueles que trazem a imagem de metrópoles internacionais são mais expressivos e facilmente identificáveis.

Percebe-se que se direcionou o espaço estudado a práticas instituídas pelo poder público no momento de sua concepção e, no decorrer do tempo, outras foram desenvolvidas por meio de instituições privadas. Existem, ainda, as ações de indivíduos que fazem parte do cotidiano desse espaço de forma voluntária e descontraída, porém, de maneira inconsciente, ficam limitadas à forma como foi conduzido cada local que compõe hoje o espaço da avenida. Entretanto, os usos não se submetem a um caráter oficial, visto que se moldam às táticas dos usuários.

As práticas dos indivíduos revelam o contexto atual urbano, uma vez que comunicam os usos que se modificam, tornam-se complexos e, conforme Ferrara (2009), se aprofundam para se transformar nas formas fundamentais da cosmovisão do uso urbano. Essa cosmovisão consiste na complexidade do ambiente urbano que é transmitida pela visualização e a decodificação de seus elementos, considerando-se o caso da Avenida Visconde de Sousa Franco.

## Referências

- BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Edgard Blücher, 2011.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2**. Morar, Cozinhar. Ed. 12. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A estratégia dos signos: linguagem/espaço/ambiente urbano**. Ed. 2. São Paulo: Perspectiva, 2009.

**Larissa L. C. Teles , Rogério Camara** 'IGARAPÉ DAS ALMAS: uma cartografia da Avenida Visconde de Sousa Franco, Belém / PA

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Ohar Periférico**. São Paulo: Edusp, 1993.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HARVEY, David. **Espaços da esperança**. Ed. 7. São Paulo: Loyola, 2015.

LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T Press, 1960.

MESQUITA, André Luiz. **Mapas dissidentes: proposições sobre um mundo em crise (1960-2010)**. 21 fev. 2013.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. Belém: Smith Editora. 2007.

PENTEADO, Antônio. **O estudo da geografia urbana de Belém**. Belém: UFPA, 1968.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Memórias do “Velho” intendente: Antônio Lemos – 1869-1973** / Maria de Nazaré dos Santos Sarges. Campina, SP: [S.N.], 1998.

TRINDADE, Saint Clair. **Produção do Espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém, PA: UFPA, 1997.

VASSÃO, C. A. **Metadesign Ferramentas, Estratégias e Ética para a Complexidade**. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2010.